

VERSÃO FINAL DO RESUMO ENSINO MÉDIO/TÉCNICO - CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA MEDICINA: POTENCIAL E LIMITAÇÕES

Rafael Pires De Oliveira (rafaelpires85@gmail.com)

Rafael Lucas Graça Azevedo (rafaelucasazevedo@gmail.com)

Isabelle Foltran (isafoltranbelle5@gmail.com)

Maria Fernanda Rodrigues Oviedo Licas (mafer_dez09@hotmail.com)

A esclerose múltipla (EM) é uma doença inflamatória e desmielinizante do sistema nervoso central que pode comprometer o cérebro, a medula espinhal e o nervo óptico, apresentando manifestações clínicas variadas, como alterações visuais, parestesias, fraqueza, alterações de equilíbrio e dificuldades de coordenação. A investigação diagnóstica envolve a avaliação dos sinais e sintomas, exames complementares e métodos de imagem, com destaque para a ressonância magnética, capaz de auxiliar na identificação e caracterização de lesões no sistema nervoso central. Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo comparar as respostas de duas ferramentas de inteligência artificial generativa, ChatGPT e Gemini, na análise de um caso clínico relacionado à esclerose múltipla, verificando a correspondência das informações fornecidas com referências médicas e científicas. Para isso,

realizou-se inicialmente pesquisa bibliográfica sobre a doença, suas manifestações clínicas, diagnóstico, ressonância magnética e possibilidades terapêuticas. Em seguida, apresentou-se o mesmo caso clínico às duas ferramentas de inteligência artificial e formularam-se perguntas idênticas sobre a hipótese diagnóstica, os sintomas relacionados ao caso, os possíveis achados na ressonância magnética e as possibilidades de tratamento. Posteriormente, realizou-se comparação qualitativa das respostas obtidas com informações provenientes de referências médicas e científicas. Observou-se que tanto o ChatGPT quanto o Gemini relacionaram o caso à possibilidade de esclerose múltipla e apresentaram informações compatíveis, de modo geral, com as referências consultadas. O ChatGPT apresentou respostas mais detalhadas, com maior explicação das relações entre os sintomas, os achados de imagem e a hipótese diagnóstica, enquanto o Gemini apresentou respostas mais concisas e objetivas. As referências médicas apresentaram informações mais técnicas e foram utilizadas como parâmetro para verificar a consistência das respostas das ferramentas. A comparação também evidenciou diferenças na organização e no nível de detalhamento das respostas, mesmo diante da utilização do mesmo caso clínico e das mesmas perguntas. Os resultados indicaram que as ferramentas de inteligência artificial foram capazes de organizar informações clínicas e fornecer explicações coerentes com conteúdos médicos relacionados à esclerose múltipla, podendo contribuir para o processo de aprendizagem. Entretanto, a análise também evidenciou a necessidade de verificação das informações fornecidas por inteligência artificial mediante fontes científicas confiáveis, especialmente em temas relacionados à saúde. Conclui-se que a inteligência artificial apresenta potencial como ferramenta complementar para o estudo de casos clínicos e para a compreensão de conteúdos médicos, mas não deve substituir referências científicas, critérios diagnósticos estabelecidos ou a avaliação de profissionais da saúde. A utilização crítica e orientada dessas ferramentas pode favorecer o aprendizado, desde que suas respostas sejam confrontadas com evidências científicas e fontes médicas confiáveis.

Palavras-chave: aprendizado de máquina; saúde digital; inovação tecnológica; processamento de dados; diagnóstico assistido.